

ALDEIA MATRINXÃ: ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Seryesa Harawa¹
Carmen Lourdes Freitas dos Santos Jacaúna²

RESUMO

O presente trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa observacional, seguindo um paradigma analítico descritivo que tem como tema “Aldeia Matrinxã: análise das potencialidades didáticas para o ensino de geografia”. A Aldeia Matrinxã pertence ao município de Nhamundá-AM que ao longo dos anos, apesar do contato frequente com a população das cidades de Nhamundá-AM e Faro-PA, os Hexkaryanas etnia que habitam essa aldeia tentam manter sua língua materna, cultura, costumes, valores e tradição com o objetivo de cultivar sua identidade cultural. O trabalho apresenta as considerações de um acadêmico que é habitante dessa aldeia, e contou com a contribuição de moradores locais, bem como dos professores da Escola Municipal Pedro Waraka, para tecer suas considerações sobre a análise feita. Nesse diagnóstico são apresentadas as características da comunidade no que tange as características físicas, sociais, econômicas e ambientais; elementos estes de grande valia para o ensino de geografia. Os Hexkaryanas, como muitas etnias que habitam a Amazônia, possuem uma relação desenvolvida culturalmente com a terra e dela retiram o que necessitam para a sua sobrevivência. Estes de maneira desenvolvem uma relação de maior equilíbrio e respeito com o meio ambiente, onde os produtos da terra (peixes, frutos, caça etc.) são vitais para seu sustento. O resultado da pesquisa aponta a Aldeia Matrinxã como um espaço não formal de aprendizagem em potencial, mediante a um planejamento prévio das atividades ali desenvolvidas e da sensibilidade do professor em saber aproveitar esse potencial na organização de suas aulas. Por isso, acredita-se que esse trabalho possa ser colaborativo no que se refere a identificar as potencialidades dessa aldeia para ensinar e aprender geografia e ao mesmo tempo cultivar nos estudantes a valorização de sua própria cultura.

Palavras chaves: Aldeia Matrinxã. Ensino de geografia. Potencialidades didáticas.

¹Acadêmico do curso Licenciatura em Geografia do CESP/UEA- E mail: seryesa30harawa@gmail.com

²Professora MSc. do Curso de Licenciatura em Geografia do CESP/UEA-E mail: carmen.ifsj@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta análise tem o objetivo de apresentar de forma simplificada minhas considerações sobre como se dá o ensino de geografia na Escola Municipal Pedro Waraka³ e ao mesmo tempo identificar as potencialidades didáticas da aldeia para aprender e ensinar geografia. Como acadêmico do curso de Licenciatura do Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA, e ao mesmo tempo pertencente a etnia Hexkaryanas, tenho o desejo de retornar a minha comunidade após o término do curso, por isso, acredito ser necessário essa análise, pois a mesma poderá contribuir com meu trabalho caso tenha a oportunidade de ser professor dessa disciplina na escola em minha aldeia.

Na formação de qualquer profissional a vida acadêmica é uma etapa importante, pois desenvolve um conjunto de atividades práticas de ensino aprendizagem que podem contribuir com o trabalho do professor. É a oportunidade de vivenciar as diversas situações que o professor expõe na academia como a forma como o conteúdo é transposto em sala de aula, sendo de fundamental importância que o acadêmico esteja atento e para que este possa estabelecer parâmetros entre os procedimentos assimilados na academia e os vivenciados na escola, mesmo que seja em uma escola com características peculiares como as escolas indígenas.

Durante a pesquisa, tive a oportunidade de fazer essa ligação entre o que temos discutido na universidade sobre o ensino de geografia e ao mesmo tempo observar como o ensino da disciplina geografia está sendo aplicado nas salas de aula na escola indígena de minha aldeia. Analisei pontos positivos e negativos e, através das experiências concretas foi possível construir meu próprio pensamento de acordo com o cotidiano vivenciado durante esse período que estive na escola, entre trocas de experiências com os discentes e através das informações coletadas junto aos professores e outras pessoas da aldeia. Dessa forma, mediante informações obtidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (2005) e no Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem (2006), conseguimos informações que possibilitou obter embasamento para desenvolver futuras metodologias que dinamizem o ensino de geografia na educação escolar indígena.

O trabalho foi desenvolvido seguindo quatro etapas distintas assim apresentadas.

³ Waraka nome dado ao bisavô do papai ele é o mais antigo dos Hexkaryanas.

1º Busca por referencial teórico que fortaleceu meu entendimento sobre como se dá a educação indígena, nos autores: Almeida Educação indígena sob a tutela da legislação: o desafio da afirmação étnica e cultural (2006), Brasil Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (2005), no Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem (2006), Castro (2011) e Cavalcante (2012).

2º Coleta de depoimentos com moradores antigos da aldeia para identificar como se deu a origem da aldeia e como os dois professores para saber como são e como poderiam ser realizadas as aulas de geografia.

3º Observações no desenvolvimento das aulas na escola Pedro Waraka e identificação dos elementos da aldeia com potencialidade para ensinar e aprender conceitos e temas de geografia.

4º Apresentação de sugestões para ensinar e aprender geografia na aldeia Matrinxã.

1 ALDEIA MATRINXÃ

A Aldeia Matrinxã está localizada na margem esquerda do rio Nhamundá, em frente ao igarapé do Sal. Pertence ao Estado do Amazonas e sua extensão territorial é de aproximadamente 1.022,400 de hectares segundo mapa do FUNAI. Está localizada na divisão geográfica entre os estados do Amazonas e Pará. Matrinxã está localizada no leste do Estado do Amazonas e oeste do Município de Nhamundá. Os hexkaryana, etnia dessa aldeia buscam novo território fora da terra indígena para assentamentos da comunidade por motivos das distancias da comunidade em relação à cidade de Nhamundá/ Faro o que dificulta o acesso, pois, as distancias são longas, podendo levar até mais de dois dias para chegar nas proximidades do rio onde se pega o barco. Mediante essa dificuldade os Hexkaryanas buscam novos espaços para construir novas territorialidades.

A Comunidade está assentada em um terreno de terra firme, com rio de águas pretas, e o principal meio transporte é a canoa a remo, rabeta, motor de polpa, barco. A Escola Municipal “Pedro Waraka” funciona dentro do espaço da Igreja Batista por não existir uma construção específica para a escola.

Mediante informações colhidas junto aos professores, a escola atende a modalidade de Ensino Infantil e ano iniciais do Ensino Fundamental, de 6º a 9º anos, funcionando com salas multisseriadas (diversos anos-série na mesma sala de aula), nos horários matutino e vespertino. Os professores não possuem curso superior, mas recebem orientações necessárias

para dar suporte ao seu trabalho da Secretaria de Educação do Município de Nhamundá e da FUNAI. Os professores são sempre moradores da aldeia com a condição que domine a língua materna e a língua portuguesa como determina a LDB n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

1.1 Bases históricas da aldeia Matrinxã

A aldeia Matrinxã foi fundada em dia 13 de Março de 2004, na presença de Tuxawa Antônio Mawuhsa, que em 1996 já tinha assumido também como tuxawa geral da aldeia Kassawa, onde os indígenas deixaram suas aldeias em Nhamundá-AM. A história do povo hexkaryana, nativos do município de Nhamundá, localizado no Baixo-Amazonas, surgem na década de 1930. Os indígenas que moravam na região de município de Nhamundá-AM e Faro-PA buscaram novas áreas, fixando-se ao redor da “serra de espelho” localizada a oeste do município de Nhamundá. Ao buscarem novo assentamento, fixaram suas aldeias em quatro cantos: Mutuma, Tohkurye, Watkàwà e Karyenohnà, áreas localizadas no entorno do município de Nhamundá. Em 2011 houve mudança de Tuxawa, e o Sr. Edmilson Wetoro assumiu como novo tuxawa da comunidade aldeia Matrinxã, e o Sr. Antônio Mawuhsa antigo tuxawa assumiu como Pastor da comunidade.

Inicialmente, a estrutura da aldeia foi organizada pelos próprios integrantes da etnia, mas atualmente eles se organizam para formar as ruas de cada bairro para que eles possam receber a fiação de energia e encanação de água. As casas são construídas de madeira e cobertura de telha e umbim.⁴ Assim a comunidade é constituída de 03 casas de cobertura de telha e 07 casas de cobertura de umbim e todas as paredes são de madeiras. As famílias não moram mais em malocas⁵, mas cada família tem sua própria residência como demonstra a figura 1.

⁴ Tipo de palha extraída de uma palmeira utilizada para cobrir as residências indígenas hexkaryana.

⁵ As malocas chamadas casa grande que servia de moradia indígenas.



Figura 1: Aldeia Matrinxã
Foto: Harawa, 2013

A aldeia Matrinxã é composta por 02 grupos étnicos (hexkaryana e kaxewyana), 10 famílias, a população é de 52 habitantes, 05 patrimônios da comunidade são motor de luz, barco, igreja, posto de saúde, radio fonia, 01 campo de futebol e 01 pista de pouso de aeronave. Na comunidade existe um casarão chamado de Maya, que é usado para festas indígenas e reuniões das autoridades. Nesse casarão realiza-se manifestações culturais como as danças do jacamim, a dança do tracajá e a dança dos bambus como apresenta as figuras 2 e 3.



Figura 2: Dança do bambu
Foto: Harawa, 2013



Figura 3: Casa Maya
Foto: Harawa, 2013

Essa aldeia apesar de apresentar uma pequena concentração de moradias, ela não apresenta mais as características de aldeias tradicionais onde muitas famílias moravam na mesma casa. Agora, apesar de ainda manter a mata, os bichos em seu entorno, cada família tem a sua casa e já surgindo também as ruas por causas da instalação dos postes que trazem a energia para a aldeia e a instalação de uma empresa mineradora que fará a exploração de calcário na região.

As pessoas na comunidade são constituídas na maioria de crianças e jovens de idade de 0 a 19 anos com 20 habitantes, seguido pessoas adultas de 19 a 30 anos contendo 20 habitantes, sendo que na comunidade o número de idosos é bastante reduzidos com apenas 09 habitantes. Com o número de crianças e jovens é elevados há a necessidade da existência de uma escola dentro da aldeia para facilitar o deslocamento dos alunos até a escola. No total são 32 alunos assim distribuídos: 25 alunos estudam nas séries do 1º aº 5º anos, 10 alunos estudam de 6º aº 9º anos.

A história a indígena da etnia Hexkaryana surgiu década 1930 na região de Município de Nhamundá-AM e Faro no PA. Antes do contato com os portugueses, a etnia Farukwatoyana já existia onde está localizado o Município de Faro, tiveram contato através de Pe. Francisco de Orelana, na época do Grão-Pará, o interesse dos não indígenas eram os recursos naturais. Conhecer e valorizar a história antiga do lugar onde vive ou viveu seu povo ao longo da história, sua dispersão espacial, seus movimentos migratórios, em relação a sua

atual situação indígenas Hexkaryana⁶ é condição favorável para manter sua cultura (RCENEI, 2005, p.232).

Na década de 1930, a etnia hexkaryana já estava influenciada pelo não indígena trabalhador na extração de Pau-rosa na região de Alto Nhamundá. O pesquisador Desmond C. Debysheire começa entrar junto com o dono da fábrica de extração de óleo, Mário Rocy, então chegou à primeira aldeia “Mutuma” onde estava Sr. José Txunu e sua família em 1948, o missionário começou anunciar o Deus que existiam do mundo das terras.

De acordo com o depoimento colhido junto aos indígenas mais velhos da aldeia, alguns Hexkaryana e Farukwatoyana ficaram e continuaram vivendo na comunidade de Faro, isso fez com que com os indígenas pudessem se integrar a sociedade envolvente. Atualmente o município de Faro é reconhecido como lugar dos índios povo indígena Farukwatoyana, porque aí que começou fundação de Município de Faro Pará, onde os povos indígenas estiveram localizados.

Os indígenas Hexkaryana localizavam nos igarapés “nos galhos de rio” Nhamundá, os outros localizava-se no meio das florestas e outros foram até fim do rio alto Nhamundá. A ideia dos indígenas eram fugir dos não-índios, por isso todos os grupos foram divididos, por si só, protegendo sua origem étnica. Portanto, as aldeias foram fundadas e localizaram quatro cantos principais são Mutuma, Tohkurye, Karyenohnà e Watkàwà.

Os missionários tinham objetivos de fazer pesquisas linguísticas nas aldeias, foram realizado estudos nas línguas indígenas. Primeiro entraram pela Guiana Francesas e Suriname, lá eles criaram uma aldeias indígenas, onde eles começaram estudos. Ante de partirem nas aldeias os viajantes fundaram escolas e a aldeia, assim que foram nas aldeias os indígenas será levado para a escola onde tinha equipados pelos professores missionários para aprender língua estrangeiro principalmente língua Inglês, depois fazer tradução de língua indígena.

Os mais velhos dizem que os indígenas que existem na região de Nhamundá são aqueles que moravam na região de município de Nhamundá e Faro. Essas etnias que moravam em um redor das aquelas áreas da “serra de espelho” onde começou a História das Amazonas. O grupo étnico utilizava cabelos compridos, são os homens da tribo Karahawyana. Havia sido muitas população indígena integradas na sociedade envolvente, mas umas partes fugiram na região de Alto Nhamundá, onde populações indígenas são encontradas atualmente. Os indígenas fugiram, os que estavam acontecendo na época de

⁶ Hexkaryana significa: hexkaru (veado roxo) e yana (povo).

encontros com não indígenas, eles roubavam muitas mulheres indígenas, por isso os indígenas fugiam até passando vinte seis cachoeiras, segundo relato do indígena mais velho.

Os não índios chegaram novamente nas áreas indígenas, onde eles estavam localizados, mais uma vez tiveram contato com não indígenas que buscavam seus interesses particulares principalmente pau-rosa, cipós e castanha da Amazônia. Na década de 1940, foi fundado o fábrica de extração de óleo de pau roça acima do rio alto Nhamundá, dos povos indígenas Hexkaryana, só que eles não ligavam sobre vida dos povos que estavam lá, começaram como ajudante dos brancos e transportar óleo de pau- roça até a cidade de Faro. Naquela época não tinham motorizado, não existiam barcos, então os indígenas traziam remando até a cidade do Faro para ser transportando para cidade do Belém no estado do Pará.

Pesquisador Desmond C. Debysheire usou o povo como informante dos outras etnias daquela região, assim como os outros que fizeram com o visitante serviram como informações. Ele dizia que melhor forma para eles unir uma só aldeia para que eles fossem controlados facilmente, assim que José Txunu aceitou evangelização nas aldeias. Ele retornou a sua Cidade de Origem Inglaterra, assim, que ele conquistou população indígena etnia Hexkaryana.

Em 1952, Desmond retornou com a sua esposa, mesmo período foi criado Igreja Batista na aldeia Kassawa. A aldeia Kassawa foi estabelecida em 1952, objetivo é socializar os indígenas da região, neste período, precisava unir só aldeia, portanto, os indígenas deixaram suas aldeias, como Mutuma, Tohkurye, Watkàwà e Karyenohnà.

Aldeia Kassawa é uma nova aldeia que foi construída, onde estão presente atualmente, missionário fundou este aldeia para batizar os indígenas, resultado desse os indígenas é Igreja Batista. Ao logo do tempo, chegou um grupo de católicos Padres, só que já existia o missionário na aldeia. Portanto o padre não poderia ficar como catequizante dos índios Hexkaryana, eles foram todos os batizados pela Igreja Evangélica Batista.

Escola ainda não existia, mas já existia Igreja, a igreja servia como escola, a escola começou na aldeia Kassawa através de ações missionárias, mais também houve a participação de projeto Rondon, por isso escola recebeu primeiramente o nome “Marechal Rondon” eles ficaram responsáveis até em 1982. Os missionários, neste período continuavam sendo parceiros do FUNAI. Em 1982, a FUNAI constrói uma escola indígena na aldeia Kassawa modelo estruturado na forma da casa.

2 AS BASES LEGAIS PARA A PRESERVAÇÃO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA

De acordo com informações obtidas no Caderno (SECAD 3, 2006) da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, os indicadores do Censo Escolar realizado pelo Inep/MEC em 2006 nos mostram que 60,8% dos 172.591 estudantes atendidos em 2.419 escolas indígenas, encontram-se matriculados nos anos iniciais do ensino fundamental. Somente 16,4% deles cursam a segunda fase dessa etapa de ensino e 4,4% estão matriculados no Ensino Médio. Isto significa que centenas de crianças e jovens indígenas ainda têm que migrar para as cidades, enfrentando inúmeras situações de risco social, em busca de completar o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

Para as comunidades indígenas, a educação escolar é estratégia para o fortalecimento do processo de afirmação de sua autonomia na condução de projetos de seu interesse. Em decorrência disso, é com muita veemência que demandam pela oferta da Educação Básica em suas escolas, a fim de evitar que adolescentes e jovens migrem para as cidades mais próximas em busca de estudos.

Nesse espírito, cria-se em 1910 o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), que foi extinto em 1967, sendo suas atribuições repassadas para a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

A educação escolar, uma das ações de proteção e assistência sob a responsabilidade desse órgão indigenista, assume papel fundamental no projeto republicano de integração do índio à sociedade nacional por meio do trabalho. Ela é posta como fundamental para a sobrevivência física dos índios e inclui não só o ensino da leitura e da escrita, mas também de outros conhecimentos como higiene, saneamento, estudos sociais, aritmética, ensinamentos práticos de técnicas agrícolas, marcenaria, mecânica e costura. A finalidade disso é fazer com que os indígenas passem a atuar como produtores de bens de interesse comercial para o mercado regional, estreitando o contato com o não índio.

Atualmente, a maioria das comunidades indígenas tem um contato muito próximo com as comunidades ditas civilizadas, por esse motivo está se tornando mais difícil manter os costumes dos índios e ensinar a sua língua junto às diversas matérias trabalhadas nas escolas indígenas. Apesar das escolas indígenas assegurarem um currículo diferenciado, os indígenas estão em constante contato com a língua oficial do país, o que dificulta a preservar sua cultura e sua língua materna. Sobre o contexto da sociedade atual, inclusive das sociedades indígenas, Cavalcante (2012, p.16) afirma que “a constante, amplificada e diversificada forma de circulação e divulgação de informações e conhecimentos, a escola continua desempenhando um papel relevante na formação das pessoas”. No caso da Escola Municipal “Pedro Waraka” da aldeia Matrinxã, isso não é diferente. Ela é um espaço próprio para essa formação que tem

como referencia o trabalho com conhecimentos científicos e culturais sistematizados e, nesse trabalho congrega diferentes saberes, produzido em diversos cenários educativos, para que sejam conjuntamente elaborados pelos alunos (CAVALCANTE, 2012). Os conhecimentos tradicionais, costume e crenças também podem ser trabalhados na escola com o objetivo da valorização dessas tradições.

A linguagem é, quase sempre, o meio mais importante através do qual os povos constroem, modificam e transmitem suas culturas, é por meio uso da linguagem que a maneira de viver, de uma sociedade é expressa e passa, constantemente reavaliado, de uma geração para outra, os modos específicos de usar a linguagem são por isso, como documentos de identidade do povo num determinado momento de sua história como o povo indígena Hexkaryana na aldeia Matrinxã no município de Nhamundá- AM.

Segundo o Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem (2006), o processo educacional atual nas comunidades indígenas visa manter um equilíbrio, para que a língua oficial do país não seja imposta, mas também para que haja um espaço para o ensino da língua indígena, de modo que esta não se perca, daí a importância do professor bilíngue e que seja indígena. Outros aspectos que devem ser assegurados são os processos próprios de aprendizagem, o desenvolvimento de currículos e programas específicos para alunos indígenas.

Para isso, as comunidades indígenas estão tendo um maior amparo legal na área educacional e na preservação da sua cultura. Diante desse contexto, podemos perceber uma preocupação em preservar a identidade e a culturas dessas comunidades. Para isso o governo criou leis resguardando os direitos da criança indígena, priorizando a valorização de sua cultura.

Dessa forma, o papel da Educação Indígena é reafirmar as identidades étnicas, valorizando suas línguas e ciências e garantindo aos índios e as suas comunidades, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e das demais sociedades seja elas indígenas ou não (ALMEIDA, 2006). Os índios deixam de ser considerados como uma categoria social em processo de extinção e passam a ser respeitados como grupos étnicos diferenciados, com seus costumes, crenças e direitos preservados.

As bases legais que constituem a Educação Escolar Indígena perpassam pela Constituição Federal 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e garante aos índios o acesso ao conhecimento proveniente de uma educação especializada, com programas e currículos específicos para a comunidade. Todo

esse processo teve como objetivo assegurar e garantir o direito da diferença étnico-cultural das comunidades indígenas em todo país.

De acordo com o Conselho Nacional de Educação de 1999 a estrutura e o funcionamento das escolas indígenas deve reconhecer a condição de escolas com normas e ordenamento próprios, além de fixar diretrizes curriculares do ensino intercultural e bilíngue. Dessa forma a legislação garante os direitos do povo indígena, inclusive a uma educação diferenciada capaz de fortalecer a afirmação étnica e cultural, com o intuito de preservação da realidade cultural da comunidade.

3 O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS COMUNIDADES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA.

Dentre as diversas áreas do conhecimento que permite o estudante a valorizar suas origens, sem, contudo ignorar a diversidade de culturas existentes no mundo, está o ensino de geografia, que em todas as escolas, assim como na Escola Municipal Pedro Waraka, apresentada na figura 3, busca fornecer subsídios para que a criança se situe em seu lugar de vivência, por meio da apreensão da paisagem que ela pode observar; essas condições também são direito garantido aos estudantes indígenas.



Figura: 4 Escola Municipal Pedro Waraka
Foto: Harawa, 2013

O ensino de geografia na aldeia Matrinxã, segue os parâmetros do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (2005), porém os dois professores entrevistados declaram que nem sempre conseguem alcançar o que é proposto em virtude das dificuldades enfrentadas pela escola, bem como pela deficitária formação profissional dos mesmos que muitas vezes nem possuem o Ensino Médio completo. Esses fatores, aliados a falta de motivação dos estudantes e a ausência de materiais adequados comprometem o

processo educativo e conseqüentemente o ensino de geografia nessa aldeia, fazendo-se necessário encontrar novas formas de ensinar e aprender essa disciplina.

Apesar dos professores acreditam que o ensino de geografia serve para ajudar a aprender a se relacionar socialmente com outras pessoas de diferentes faixas etárias, respeitar os mais idosos, conhecer sua cultura, ampliar seu conhecimento sobre outras culturas bem como ampliar a noção de espaço e dominar as técnicas de representação do espaço que também é direito assegurado aos estudantes indígenas. Nesses termos, segundo os professores da Escola Municipal “Pedro Waraka”, o ensino de geografia nas escolas indígenas precisa favorecer o entendimento sobre a organização de sua experiência e a construção de expectativa para com a aldeia em que vive.

A importância do estudo desta disciplina proporciona as crianças indígenas ampliar seu nível de conhecimento sobre o lugar em que vivem, podendo fazer relações com outros lugares, pois elas convivem com ambientes (comunitário, familiar e escolar), podendo questionar e apresentar sua própria concepção sobre a natureza e a sociedade. Concebem a natureza como uma condição onde a ação dos indivíduos se faz notar nas formas de apropriação do espaço, como a produção do espaço, com a construção de caminhos-ruas, utilização de vias naturais como os rios, os movimentos de população, os deslocamentos das pessoas para o lazer e trabalho, a utilização dos recursos naturais.

O ensino de geografia para Cavalcante (2012), leva a criança a observar, descrever, representar e construir explicações. Estimular a observar e compreender as diferentes manifestações da natureza e a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social. Reconhecer semelhanças e diferenças nos modos de diferentes grupos sociais, utilizar a observação e a descrição na leitura direta e indireta da paisagem, sobretudo por meio de ilustrações apresentadas nos livros próprios para esses alunos e da linguagem materna oral, reconhecer no seu cotidiano, os referenciais espaciais de localização, orientação pelo sol, pelas árvores (pontos de referencia) e as distâncias de uma casa para outra, da comunidade para as cidades próximas de modo a deslocar-se com autonomia, bem como representar os lugares onde vivem pelos mapas.

Para isso, é importante que os professores tenham domínio da língua portuguesa e da língua materna, com cursos de formação para ajudar na metodologia e nos instrumentos de trabalho. Assim os conhecimentos e valores pensados e discutidos com muitas pessoas da comunidade serão organizados e disseminados pelos professores junto aos seus alunos índios. Desta forma conseguiremos construir uma pedagogia própria para os alunos indígenas, respeitando seu modo de viver e pensar a vida. Relacionar modo de aprender e ensinar do seu

povo com o modo de ensinar e aprender da escola tradicional e criar alternativas próprias para ensino de geografia.

No Ensino de geografia é importante estudar sobre os mapas onde se localizam na comunidade aldeia Matrinxã, são as casas, ruas, espaços desenvolvendo a capacidade do aluno cotidiano na comunidade da aldeia Matrinxã e pode ser acompanhado a evolução dos tempos espaços atuais. A maioria dos alunos está adquirindo as condições necessárias para estudo, para enfrentar as solicitações sempre crescentes de um mundo em mudanças, sem, contudo extinguir seus costumes. O ensino de geografia torna-se muito superficial na medida em que o professor usa apenas os livros didáticos para ministrar suas aulas ano letivos. A ênfase é dada ao aspecto informativo e a aula expositiva é, ainda, a forma mais utilizada pelo professor, ensino aprendizagem. Porém, nas escolas indígenas nem sempre esse recurso (o livro didático) está disponível, exigindo do professor a utilização de outras metodologias que possam sanar essa dificuldade, como a utilização dos espaços não formais de aprendizagem que apresentam elementos capazes de exemplificar e contribuir com a formação de conceitos geográficos.

O ensino de geografia deve ser também um instrumento para índios compreender melhor o mundo do não índio e poder dialogar com ele, descobrindo que não existe só um “geografia do não índio”, mas várias, dependendo de quem é esse não índio, onde ele vive, como vive (RCENEI, 2005, p.229). Basicamente, o ensino de geografia está fazendo com que o aluno adquira conhecimento através da transmissão verbal ou escrita. Formando assim um ciclo, onde o professor explica e o aluno anota tudo em seu caderno, para depois estudar para sua prova.

A aplicação dessas estratégias em sala de aula tem resultado numa relação altamente desfavorável. Se gasta muito tempo com a construção de poucos conceitos, e muitas vezes esse processo não resulta na construção de conceitos científicos, mas na reafirmação do pensamento de senso-comum. A prática de sala de aula contribui para o aumento da consciência do estudante sobre suas concepções, mas não consegue dar o resultado esperado em direção a construção dos conceitos científicos das categorias geográficas como espaço, tempo, território, paisagem, região, lugar.

Essas perspectivas parecem desconhecer que aprender ensino de geografia na comunidade aldeia Matrinxã envolve a iniciação dos estudantes em uma nova maneira de pensar e explicar o mundo natural, que é fundamentalmente diferente espaço daquelas disponíveis no senso-comum. Aprender geografia envolve um processo de socialização das práticas da comunidade e de suas formas particulares de pensar e de ver o mundo, em última

análise, contribui com um processo de conservação da cultura indígena etnia Hexkaryana na aldeia Matrinxã. Sem as representações de sua própria da cultura, os estudantes muitas vezes se mostram incapaz de perceber, nos fenômenos geográficos naquilo que o professor deseja que ele perceba.

4 O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ALÉM DO ESPAÇO ESCOLAR

Mediante o planejamento traçado para essa pesquisa que teve como objetivo identificar as potencialidades didáticas da Aldeia Matrinxã para ensinar e aprender Geografia, por meio de atividades em espaços não formais de aprendizagem, com os estudantes do Ensino Fundamental, na escola Municipal Pedro Waraka, no município de Nhamundá, percebeu-se que a escola possui limitações quanto aos recursos didáticos, porém, com potencial para o desenvolvimento de conceitos e temas relacionados ao componente curricular de Geografia.

A pesquisa com uma abordagem qualitativa descritiva conduziu esse estudo e propiciou uma análise dos fatos e fenômenos relevantes seguindo as quatro etapas sugeridas por Godoy (1995, p.62), “a identificação natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento fundamental; o caráter descritivo; o significado que as pessoas dão as coisas e a sua vida e o enfoque indutivo”.

Diante das observações e análises feitas no entorno da Escola Municipal Pedro Waraka, podemos observar que os elementos que compõem a paisagem natural e relações sociais presentes na aldeia Matrinxã podem, diante de um bom planejamento, servir de recursos para ensinar e aprender geografia. Esses locais denominados espaços não formais de aprendizagem estimulam a curiosidade dos estudantes e ao mesmo tempo estão impregnados de informações de cunho geográfico. Podemos entender como espaço não formal de aprendizagem qualquer lugar fora da sala de aula como a floresta, um rio, um lago, um jardim, uma roça, um quintal, etc. Esses espaços não possuem uma institucionalização legal como espaço de ensino, porém, possuem potencial para esse fim. Rocha & Terán (2012, p. 53), consideram as aulas de campo em espaços não formais significativas “por proporcionar um ganho cognitivo referente aos conteúdos e podem contribuir para a formação de valores e atitudes que possibilitem colocar em práticas os conhecimentos construídos nessa aula”.

Jacaúna (2012, p. 37) sugere que esses espaços precisam ser utilizado pelas escolas, pois mediante a um planejamento organizado previamente, “podem constituir-se como campo para diversas pesquisas, oportunizando aos estudantes entender as relações entre os diversos

fenômenos sociais e naturais”, e devido as suas características, desenvolve um caráter lúdico no estudante, permitindo um maior entrosamento entre professor e alunos.

Na proposta que ora apresentamos, os temas em estudo precisam ser planejados e organizados de modo a auxiliar os professores índios na seleção organização e integração com outras áreas de estudo. Cada professor, na elaboração de seu plano de ensino, deve selecionar os assuntos, de forma a pensá-los com o auxílio de ideias e instrumentos de trabalho vindos das outras áreas como História, Arte, Ciências, Educação Física Língua Indígena, Língua Portuguesa, Matemática, dando sequência aos conteúdos e objetivos de acordo com as características de seu povo, de sua aldeia ou de seu grupo familiar, de forma a perceber diferenças com outros povos, de outros lugares e tempos (RCENEI, 2005, p. 230).

Os conteúdos de todas as disciplinas como a Ciências, a História e a Geografia podem ser trabalhados tanto na sala de aula quanto fora da sala de aula por meio da pesquisa de campo no entorno da comunidade; o conteúdo História também precisa de pesquisa da história hexkaryana, como a origem da família, transformação e culturas; o ensino de Geografia também precisa fazer estudo fora da sala de aula, pesquisando a localização primeira da aldeia, de onde vieram todos os grupos étnicos que existem na aldeia Matrinxã, a área que ela ocupa, no espaço, as atividades que desenvolvem, etc.

Podemos começar a estudar a Geografia por qualquer ponto que seja significativo para aquele e povo e aquela comunidade, podendo definir temas norteadores como: pelo céu, pela terra, pela mata, pelo território indígena, pela água. Um exemplo pode ser começar pela geografia pelas águas. Estudar os territórios a partir das águas não significa que se vá estudar somente os aspectos físicos biológicos dos rios, mas também a importância dos rios para esses povos que o utilizam como fonte de alimentação e via de transporte, não esquecendo que as comunidades indígenas da Amazônia possuem uma relação íntima e místicas com esses rios. A água é fonte de vida para todo mundo deste planeta e é um assunto importante para qualquer comunidade. Na Amazônia, tudo é feito ou pensado de acordo com as águas: as distâncias, as localizações, o tempo, tudo é contado “rio abaixo, rio acima”. JACAÚNA (2012, p. 39) ressalta que “as informações obtidas pelos estudantes por si só não tem sentido, elas necessitam de uma sistematização, sempre com a orientação do professor para que estas possam se converter em conhecimento”.

4.1 Conceitos e temas identificados para se ensinar e aprender geografia na aldeia Matrinxã a partir do posicionamento dos professores e da análise do pesquisador

Mediante sugestões colhidas junto aos professores da Escola Municipal Pedro Waraka, relacionando essas sugestões com a proposta que determina os temas a serem estudados em geografia, apresentamos alguns conceitos e temas selecionados para serem trabalhados, tendo a Aldeia Matrinxã como espaço não formal de aprendizagem. Os conceitos e temas aqui apresentados são construídos por meio das atividades cognitivas, onde o homem se apropria dos saberes historicamente produzidos e dos modos de saber e de pensar desses homens (CAVALCANTE, 2012).

A identificação de cada termo apresentado segue as orientações de Castro, Gomes e Correa (2011) na obra “Geografia conceitos e temas”.

O LUGAR: que deve ser compreendido na escala de vivência do aluno e na sua formação do horizonte mais próximo de suas práticas cotidianas, isto é, no seu percurso para a escola, por meio de suas brincadeiras, o ambiente específico de sua residência.

A PAISAGEM: destacando tudo que os olhos do estudante observador pode captar, seja ele o aluno ou o professor, permitindo visualizar as diferenças nas relações da sociedade com a natureza, diferenciando-se a cidade do campo a via de circulação: as pessoas dos objetos fixos; os diferentes componentes da vegetação as configurações do terreno, etc.

O ESPAÇO GEOGRÁFICO: retrata o ambiente de relações da sociedade, é a parte e o todo, o conjunto das coisas somado a sociedade que o modificam e transformam. Portanto é cada fração de natureza e a sociedade que lhe dá vida.

O TERRITÓRIO: se traduz pelas relações de apropriação do espaço da aldeia, como a propriedade (a casa) onde o aluno vive, os ambientes comuns da aldeia, etc.

CIRCULAÇÃO E TRANSPORTES: as crianças vão à escola e os diferentes meios de transportes, destacando os utilizados nas paisagens típicas da Amazônia, acrescentando sempre outros meios de transportes mesmo sem ser utilizado por eles nas diversas necessidades cotidianas.

DIVISÃO FAMILIAR DO TRABALHO: observação de diferentes funções realizadas pelos indígenas em diferentes tempos e lugares, mostrando os locais de trabalho de cada pessoa e como ele se comporta diante de sua função (caçador, pescador, ceramista, extrativista e agricultor etc).

RELAÇÕES CIDADE-CAMPO: permite mostrar, por meio das vivências das crianças, as relações de dependência que se estabelecem entre esses dois ambientes como se pode viver na cidade e fazer uma relação com o mundo da aldeia para conviver com dinâmicas sociais diferentes. Através de comparação entre diferentes paisagens, modo de vida e consumo e hábitos culturais, favorecendo assim o respeito á diversidade cultural e a natureza.

OS ELEMENTOS QUE COMPOEM A NATUREZA (relevo, clima, hidrografia e vegetação) esses temas podem ser apresentados nos espaços não formais de aprendizagem, sempre destacando a interdependência existente entre eles e informando que quando causamos uma grande alteração em um desses elementos, os outros também são alterados, comprometendo a vida de todas as espécies animais e vegetais.

VIVENCIA INTEGRADA COM O MEIO AMBIENTE: Apesar de não terem ciência de serem ecologistas, devemos reconhecer os povos indígenas como proprietários do crédito histórico de terem ao longo dos séculos utilizado os recursos naturais de maneira menos agressiva. Souberam utilizar estratégias de uso dos recursos que, mesmo transformando seu ambiente, não alteraram os princípios de funcionamento e nem colocaram em risco as condições de reprodução deste meio. Essa condição é favorável para ensinar temas voltados às questões ambientais. Os índios que vivem próximo aos rios de água preta, sabem que as matas de igapó representam importante refúgio para diversas espécies de peixes, que encontram alimento e condições adequadas para a reprodução. Por essa razão, evitam o plantio de suas roças e construção de habitações nas proximidades desses lugares de forma a não comprometer o desenvolvimento do ciclo natural das diversas espécies, que se constituem em sua principal fonte de proteína animal. Porém o que se percebe na aldeia Matrinxã, é que a mata do entorno da aldeia nos últimos anos vem diminuindo, comprometendo as diversas espécies que nela habitam.

4.2 As potencialidades econômicas (agricultura pesca extrativismo), biodiversidade (animal e vegetal) e aspectos ambientais da área em estudo (degradação e conservação).

Em se tratando das potencialidades econômicas da Aldeia Matrinxã, podemos ressaltar para os estudantes que o meio ambiente deve ser reconhecido como um fator gerador do processo de sobrevivência desses povos, na medida em que os índios e suas organizações sociais tiveram que desenvolver estratégias de adaptação em cada um desses ecossistemas onde habitam, de forma a obter os meios necessários a sua sobrevivência.

Com relação às atividades econômicas, a aldeia Matrinxã, desenvolve a pesca, principal fonte de alimento; criação de galinha; o cultivo da mandioca, para fazer farinha, tapioca, beiju, tucupi; a plantação de banana; a extração de produtos da floresta como: castanha da Amazônia, óleos, raízes, folhas, cipós; a caça; o artesanato de utensílios domésticos e adereços com penas e sementes (atividade em desuso por recomendações do IBAMA). Vale ressaltar que todas essas atividades são para prover o sustento dos

hexkaryanas. O excedente destina-se a comercialização que é feita por apenas um indivíduo que fica encarregado de vender os produtos na cidade de Nhamundá, Faro e outras localidades. A renda dessa comunidade é complementada pelo salário de 15 pessoas que possuem renda fixa, 04 pessoas têm aposentadoria e 33 pessoas não possuem nenhum tipo de renda.

Na aldeia Matrinxã algumas pessoas são empregadas na manutenção de limpeza da igreja-escola para os alunos e no posto de saúde prestando os serviços à população. Outros obtêm rendas através de sistema de aposentadoria, isso também atende os idosos indígenas e o outro sistema de renda é através de programas de governos como bolsa família e pelo Programa Nacional de Agricultura Familiar (PRONAF) pelo Banco da Amazônia.

5 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA ENSINAR E APRENDER GEOGRAFIA NA ALDEIA MATRINXÃ.

A noção de espaço envolve não só as ações de uso e modificação do lugar e suas paisagens, mas a relação afetiva, o imaginário, a visão de mundo. Para os povos indígenas Hexkaryana e alguns outros povos do mundo, o espaço geográfico é um espaço sagrado, construído em íntima relação da sociedade com a natureza é o elemento definidor dessa construção é a cultura, o trabalho, a forma de apropriação do espaço.

O ensino de geografia permite assim conhecer e explicar o mundo por meio do estudo do espaço geográfico levando em conta o que se vê as paisagens, o que se sente e com que a pessoa se identificar os lugares, e o que são referências significativas para os povos indivíduos, para conviver, trabalha, e produzir sua cultura, os Territórios (RCENEI, 2005, p. 227).

Acreditando nessa premissa, mediante observações feitas, apresentamos algumas estratégias metodológicas para ensinar e aprender geografia tendo como espaço não formal de aprendizagem a Aldeia Matrinxã. Salientamos que essa proposição não é algo acabado, mas acreditamos que serve para nortear as atividades nas aulas de geografia.

1º Identifica-se o tema a ser trabalhado de acordo com o que é proposto pelo Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (2005) ou temas de interesse dos alunos.

2º Define-se na comunidade o ambiente a ser utilizado como espaço não formal de aprendizagem;

3º verifica-se nesse espaço todas as suas potencialidades didáticas e os possíveis obstáculos levando sempre em conta a segurança dos estudantes;

4° Por meio de uma aula expositiva, apresenta-se aos estudantes em sala de aula o tema em estudo e o roteiro a ser seguido, na ida ao ambiente externo a escola;

5° Orientar os estudantes sobre todos os elementos a serem observados e sugerir que anotem as observações no caderno de campo;

6° Instigar nos alunos a apresentação de hipóteses responsáveis pelo fenômeno investigado;

7° Se for condizente com o tema em estudo, colher materiais para análise no ambiente escolar como: folhas, galhos, semente, amostra do solo, etc.

8° Em sala de aula, sistematizar o que foi observado no espaço não formal de aprendizagem por meio de construção de textos, exposições orais, confecção e exposição de painéis, etc.

Diante do que foi exposto e conhecendo a carência de recursos didáticos da escola em estudo, sugerimos que o material utilizado para a confecção dos painéis sejam produtos oriundos da própria floresta galhos, folhas e sementes, ou materiais recicláveis como papelão, garrafas pet, embalagens plásticas, etc. É recomendado que esse trabalho seja feito pelos estudantes indígenas, sempre com a orientação do professor para que o aluno desenvolva suas habilidades motora, cognitiva e afetiva visto que quando ele se sente responsável pela construção do que se propôs, ele tem um ganho positivo em sua formação, contribuindo efetivamente com o ensino e a aprendizagem em geografia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse trabalho percebemos que a escola, como espaço histórico de construção do saber e imposição de valores, muitas vezes também é anuladora de identidades, por isso, passa a ser reivindicada pelas comunidades indígenas como espaço de construção de relações interculturais e de autonomia política. Para tanto, mediante análises feitas sobre as dificuldades enfrentadas pela Escola Municipal “Pedro Waraka” e as potencialidades da aldeia como espaço não formal de aprendizagem, pelos atores sociais que as constituem, faz-se necessário encontrar e fazer uso das mais diversas formas para desenvolver um ensino que seja condizente com a realidade e anseios desses povos, fazendo uso dos próprios recursos disponíveis na aldeia.

A Educação Escolar Indígena, deve valorizar as peculiaridades da aldeia, caracterizada pela afirmação das identidades étnicas, pela recuperação das memórias

históricas, pela valorização das línguas e conhecimentos dos povos indígenas. Ao longo dos anos essa foi uma conquista das lutas empreendidas pelos povos indígenas e seus aliados. Hoje em dia é comum ver pelos meios de comunicação, como a televisão e a internet, povos indígenas reivindicando seus direitos junto ao poder público. Apesar de muitas críticas feitas pelos não-índio, que não entendem a relação que temos com a terra, esse é um importante passo em direção da democratização das relações sociais no país e valorização da diversidade cultural.

Essa realidade também (a reivindicação de seus direitos), é anseio da Escola Municipal “Pedro Waraka” da aldeia indígena Matrinxã, que por muito tempo teve a necessidade de enviar suas crianças e jovens para cidades próximas em busca de formação, comprometendo sua integridade étnica e cultural, o que originou uma série de problemas para esses jovens e suas famílias, como: um expressivo êxodo das comunidades para os núcleos urbanos, com famílias inteiras fixando-se nas periferias das cidades, perdendo qualidade de vida e esvaziando as aldeias; a perda do convívio familiar e comunitário pelos jovens e o comprometimento de sua aprendizagem nos valores e práticas socioculturais de afirmação da identidade indígena; o envolvimento desses jovens com todos os riscos sociais próprios dos centros urbanos; o sofrimento gerado pela discriminação e o preconceito, que afeta o desempenho escolar e a autoestima, fazendo com que muitos neguem sua etnia.

Para corrigir essa situação, acreditamos que os órgãos públicos responsáveis pela educação indígena possam priorizar um conjunto de ações que visam impulsionar a formação de professores indígenas em nível superior. Porém, essa medida por si só não é suficiente se esses professores não fizerem uso dos recursos que a própria aldeia dispõe para desenvolver suas aulas.

É importante considerar o saber e as dificuldades que o aluno índio tem. Cabe aos alunos e o professor, juntos, desvelarem os próprios níveis de compreensão da realidade. Portanto, para realizar o ensino nessa escola, deve-se ter a realidade local contextualizada pelos sujeitos desenvolvendo metodologias de construção das práticas (diálogo entre os diferentes saberes); selecionar os conteúdos significativos, nas mais diferentes áreas do conhecimento, necessários para a compreensão e a transformação desta realidade (interdisciplinaridade). Na escola, a educação não se dá só na sala de aula, não só através dos conteúdos, mas também as estruturas próximas, nas formas de organização, nos relacionamentos esses são fatores educativos.

Sob a perspectiva apresentada no trabalho, deve se observar que para utilizar recursos pedagógicos facilitadores da aprendizagem encontrados na aldeia Matrinxã, há de se considerar suas vantagens e desvantagens, procurando ponderar essas possibilidades em relação a situação

grupar de quem desenvolve. No mais, espera-se que o trabalho ora apresentado possa contribuir para dinamizar as aulas de geografia e o trabalho pedagógico de professores e facilitar o processo de ensino-aprendizagem na Escola Municipal “Pedro Waraka”.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tereza Cristine Cruz. **Educação indígena sob a tutela da legislação: o desafio da afirmação étnica e cultural.** In: VASCONCELO, J.G, SOARES, E.L.R, CARNEIRO, Isabel M.S.P. Entre tantos: Diversidade na Pesquisa Educacional. Fortaleza, UFC, 2006.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.** – Brasília: MEC/SECAD 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Acessado em 26 de outubro de 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>.

CASTRO, Inaiá Elias de. GOMES, Paulo César da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato. (Org). **Geografia: conceitos e temas.** 14º ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2011.

CAVALCANTE, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola.** Campinas. SP: Papyrus, 2012.

GODOY, Arilda S. **Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** Revista de Administração de Empresas. V. 2, mar/abr. São Paulo, 1995.

JACAÚNA, Carmen Lourdes Freitas dos Santos. **O tema água como incentivador na Alfabetização Ecológica dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental.** Dissertação de Mestrado. Manaus: UEA, 2012.

KLEBER, Ricardo Henriques. GRILLO, Gesteira Susana. CHAMUSCA, Adelaide. (Org.). **Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola.** Brasília, abril de 2007.

MAIA Marcos **Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem/**– Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

ROCHA, Sônia Cláudia Barroso da; FACHÍN-TERÁN, Augusto. **O uso de espaços não formais como estratégia para o ensino de ciências.** Manaus: UEA. Escola Normal Superior. PPGECA, 2010.

